

LAGE, André Silveira. Os Retratos e Autorretratos de Antonin Artaud: a Experiência do Rosto. São Paulo: Universidade de São Paulo ECA-USP; Bolsista de Pós-Doutorado FAPESP. Pesquisador, Professor e *Performer*.

RESUMO

A partir de uma série de autorretratos e retratos (Paule Thévenin, Pierre e Florence Loeb, Jacques e Rolande Prevel, Arthur Adamov, Roger Blin, Colette Thomas, Minouche Pastier, Lily Dubuffet e outros) produzidos por Antonin Artaud, entre 1946 e 1948, tentarei mostrar como o tema da reivindicação revolucionária de um novo corpo humano está também vinculado à *experiência* do rosto, de um “rosto” por vir, de um “rosto humano” que ainda não encontrou a sua “face”. Desconstruindo a lógica da semelhança com o modelo, da cópia fiel, os retratos e autorretratos de Artaud colocam em cena uma espécie de *crueldade gráfica* que resiste à representação e que nos faz ver o desmoronamento da figura, a desfiguração do “rosto humano”, ou ainda, a profunda relação entre o “rosto humano” e a morte : “O rosto humano é uma força vazia, um campo de morte” — afirma Artaud na plaqueta “O rosto humano” [*Le visage humain*], escrita em 1947 para apresentar os seus desenhos e retratos na Galeria Pierre Loeb.

Palavras-chave: Antonin Artaud. Autorretratos e Retratos. Experiência do Rosto.

RÉSUMÉ

A partir d'une série d'auto-portraitsetportraits (Paule Thévenin, Pierre e Florence Loeb, Jacques e Rolande Prevel, Arthur Adamov, Roger Blin, Colette Thomas, Minouche Pastier, Lily Dubuffet et autres) produits par Antonin Artaud, entre 1946 et 1948, j'essaierai de montrercomment le thème de la revendication révolutionnaire d'un nouveau corps humain est lié à l'*expérience* du visage, d'un “visage” à venir, d'un “visage humain” qui n'a pas encore trouvé sa “face”. Deconstruisant la logique de la similitude avec le modèle, de la copie fidèle, les portraits et auto-portraits d'Artaud mettent en scène une espèce de *cruautégraphique* que resiste à la représentation et que nous fait voir l'effondrement de la figure, la défiguration du “visage humain”, ou encore, le profond rapport entre le “visage humain” et la mort: “Le visage humain est une forcé vide, um champs de mort” – affirme Artaud dans la plaquette “Le visage humain”, écrite en 1947, lors de l'exposition de ses dessins et portraits à Galerie Pierre Loeb.

A produção plástica dos anos 20 (desenhos, retratos e autorretratos), as missivas conjuratórias de 1937 e 1939, que misturavam escrita e desenho sobre folhas de papel voluntariamente queimadas e perfuradas e que ele apresentava sob o nome de *sorts* (sortilégios, feitiços)¹, os grandes desenhos de cores bem vivas (1945-1948) que ele chamava de *dessins écrits* (desenhos escritos), as centenas de

¹ Sobre esse assunto, ver o artigo *Os sortilégios de Antonin Artaud: a cena do subjétil*, in: ANAIS do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, ABRACE 2010.

formas desenhadas, disseminadas nos diversos cadernos de Rodez e de Ivry², bem como a profusão de retratos e autorretratos do final de sua vida, constituem um território ainda pouco conhecido da obra pictográfica de Antonin Artaud.

Através do meu pós-doutorado *A pictografia em Antonin Artaud: Teatro e Reinvenção anatômica*³, venho estudando o conjunto das obras citadas, bem como o *corpus* de textos que ele escreveu sobre seus desenhos, em Rodez e Ivry, entre 1945 e 1948. Privilegio ainda o nascimento de uma nova poética (o desenho), a qual não apenas retoma e intensifica os postulados e princípios das outras poéticas (a literatura, o cinema, o teatro), mas também encena, de forma ainda mais radical, um dos temas mais recorrentes de seus últimos escritos, a saber, o tema da reivindicação revolucionária de um novo corpo humano. Corpo infinitamente potencial, com poder de explodir, em luta contínua contra a arte, o suporte, a organização do organismo, a representação, a língua carcaça e deus.

Para este artigo, restrinjo o meu recorte, concentrando-me apenas no conjunto de retratos e autorretratos de Artaud. Há, cronológica e didaticamente falando, o repertório de retratos e autorretratos do início de sua atividade plástica nos anos 20, tais como o *Autorretrato* de 1915, o *Autorretrato* de 1920-1921, *Autorretrato-caricatura* de 28 de novembro de 1923, o *Autorretrato humorístico* de 1920-1921, o *Autorretrato* de 1921, o *Retrato da doente B.* de 1920, o *Retrato do Doutor Edouard* de 1920 e, mais tarde, o repertório de retratos e autorretratos produzidos no final de sua vida, entre 1946 e 1948, tais como os autorretratos de [11 de maio de 1946, 17 de dezembro de 1946, 24 de junho de 1947, dezembro de 1947] e diversos retratos de amigos (*Sonia Mossé, Rolande Prevel, Jacques Prevel, Mania Oïfer, Jacques Germain, Pierre Loeb, Sima Feder, Roger Blin, Florence Loeb, Marcel Bisiaux, Domine Thévenin, Paule Thévenin, Minouche Pastier, Colette Thomas, Arthur Adamov, Yves Thévenin, Lily Dubuffet, Jany de Ruy, Colette Allendy, Henri Pichette, Georges Pastier*)⁴.

Uma característica recorrente desses últimos retratos e autorretratos reside nisso: *desenhar* e *escrever* são dois gestos, duas práticas radicalmente indissociáveis. Tais como os *sortilégios* e os *desenhos-escritos* (de grande formato), diversos retratos e autorretratos do final de sua vida também são habitados por textos, inscrições verbais, pedaços de frases, rabiscos, dedicatórias e glossolalias.

(Lembremos que entre estes dois repertórios de retratos e de autorretratos há um intervalo durante o qual Artaud deixa de desenhar por quase vinte anos. Este

² Sobre esse assunto, ver o artigo *Os cadernos de Antonin Artaud: desenho, escritura, teatro*, in: revista SALA PRETA, n. 9, Eca-USP 2009, pp. 311-316.

³ Este projeto está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da USP/ECA (Bolsista FAPESP).

⁴ A grande maioria desses retratos e autorretratos faz parte do acervo dos museus *Centre George Pompidou* (Paris) e *Musée Cantini* (Marselha). As reproduções desses desenhos podem ser consultadas nos diversos catálogos de exposição dedicados a Artaud.

intervalo é o da aventura teatral e cinematográfica, mas também do delírio e do enclausuramento psiquiátrico⁵.)

Além dessa presença da escrita no desenho, nota-se ainda, de um período ao outro, uma progressiva evolução na desconstrução da representação do rosto humano. Os retratos e autorretratos desenhados a partir de 1946 vão intensificar e multiplicar ainda mais essa ruptura. Além de serem bem mais violentos e mais numerosos que os dos anos 20, eles se constituem sobretudo como um grito de protesto contra o imperativo mimético, o princípio da semelhança mais fiel com o modelo, a figuração mais perfeita. Ou ainda: os retratos e autorretratos do final de sua vida desorganizam a representação do rosto humano como organização fisionômica, conjuram o caráter representativo da imagem, através de operações que introduzem uma deformação fulminante (rasgo, borro, furo, dilaceramento) na representação. Em Artaud, não se trata de reproduzir nem de copiar os traços do rosto do modelo. Trata-se, ao contrário, de desfazê-lo, de perfurá-lo, de deformá-lo, de borrá-lo, de dilacerá-lo. O rosto humano como *subjéttil* — isto é, como substância e superfície que seria preciso atravessar, perfurar, deformar, borrar, dilacerar. Eis aí a singularidade de Artaud, que é também bem próxima da de Francis Bacon⁶: ambos produzem um rosto não figurativo, desfigurado, deformado por forças invisíveis que vêm de fora. Ambos desfazem o rosto em proveito da cabeça. Ambos privilegiam a força sobre a forma, a sensação sobre a representação.

Um outro ponto que gostaria de ressaltar diz respeito ao impacto desses rostos humanos sobre o espectador. Paule Thévenin soube abordar essa questão ao descrever esses rostos no seu artigo “Desenho, Teatro, Pintura”:

Com certeza, apenas um espectador totalmente insensível não teria um choque ao deparar-se, inesperadamente, com um desses rostos que Antonin Artaud projetou, no final de sua vida, no espaço de simples folhas de papel de desenho. Rostos separados do resto do corpo, pescoços cortados, cicatrizes expostas, marcadas na carne por uma vida passada ou ainda por vir, e de olhares tão intensos que vão muito além das pessoas que se encontram

⁵ O internamento efetivo de Antonin Artaud data de setembro de 1937. Após a sua prisão em Dublin, por vagabundagem e atentado à ordem pública, Artaud foi imediatamente repatriado em um navio, entregue à polícia do Havre, diagnosticado como doente mental e internado no hospício de Quatres-Mares, em Sotteville-lès-Rouen. A partir daí iniciam-se seus nove longos anos de confinamento em diversas instituições para doentes mentais. Durante o período em que ficou internando em Sotteville-lès-Rouen (seis meses), Artaud escreveu pouco ou quase nada. Dispomos somente de arquivos psiquiátricos que o julgam violento, perigoso, sofrendo de alucinações e de delírios de perseguição e de uma longa carta na qual ele afirma “ser grego, nascido na Esmirna”. Em 1938, ele foi transferido para o asilo de Sainte-Anne (11 meses) onde foi paciente, entre outros, de Jacques Lacan, que o teria considerado como que definitivamente “fixado”, um caso perdido para a literatura: “*Ele está fixado, ele viverá até os oitenta anos, não escreverá mais uma linha, ele está fixado*”. Ver VIRMAUX, A. et O. *Antonin Artaud: Qui êtes vous*. Paris: La Manufacture, 1996. p. 18.

⁶ DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2007.

paradas diante deles. Haverá alguém que, atravessado por um destes olhares, tenha permanecido intacto?⁷

Parece-me que não. Tais rostos humanos são imensamente potentes. Há neles uma espécie de *crudeldade gráfica* que abala os códigos da representação (a semelhança com o modelo, a cópia fiel) e que nos faz ver o desmoronamento da figura, a desfiguração do rosto humano, ou ainda, a profunda relação entre o rosto humano e a morte: “Le visage humain est une force vide, um champ de mort”⁸ — afirma Artaud na plaqueta *Le visage humain* [O rosto humano], escrita em 1947 para apresentar os seus desenhos e retratos na Galeria Pierre Loeb. É esta *força de destruição* que constitui a condição primeira dos retratos e autorretratos de Artaud. É ela que põe simultaneamente em movimento a ruptura com a lógica do retrato acadêmico, a experiência do sofrimento e a evidência da *condição mortal*.

Mas o rosto humano não é apenas um lugar vazio, um campo de ausência, de morte. Ele é, paradoxalmente, o lugar por excelência de um nascimento, o de um corpo que ainda não tem rosto, o de um rosto que ainda está para ser inventado: “*Vieille revendication révolutionnaire d’une forme qui n’a jamais correspondu à son corps, / qui partait pour être autre chose que le corps*”⁹. Tal como no seu teatro da Crueldade, o rosto humano é também o lugar privilegiado da reivindicação revolucionária de um novo corpo. Em um outro texto sobre seus desenhos, ele martela:

Le visage humain est provisoirement, / je disprovisoirement, / tout ce qui reste de la revendication, / de la revendication révolutionnaire d’un corps qui n’est pas et ne fut jamais conforme à ce visage¹⁰.

Ou ainda, de forma bem sintética, ele insiste: “le visage humain n’a pas encore trouvé sa face”. Mas como encontrá-la? Talvez através dos buracos do rosto, de suas cavidades (olhos, boca, nariz e ouvidos), mas estes vistos não apenas como traços que definem a identidade, mas também como lugares de passagem, pequenas aberturas por onde a morte passa.

Le visage humain n’a pas encore trouvé sa face. Mais ce qui veut dire que la face humain et elle qu’elle est se cherche encore avec deux yeux, un nez, une bouche et les deux cavités

⁷ THEVENIN, Paule. “Desenho, Pintura, Teatro”. Tradução de Walder Virgulino de Souza. O PERCEVEJO, N. 7, Ano 7, 1999, p. 109 a 121.

⁸ “O rosto humano é uma força vazia, um campo de morte”. (Tradução minha). Ver ARTAUD, A. “Le visage humain” in *ARTAUD Oeuvres*. Quarto Gallimard. 1534. Esse texto fez parte do catálogo da exposição *Portraits et dessins par Antonin Artaud*, na Galerie Pierre, entre 4 e 20 de julho de 1947.

⁹ “Velha reivindicação de uma forma que jamais correspondeu ao corpo, que partia para ser outra coisa que não o corpo”. *Ibid.* p. 1534.

¹⁰ “O rosto humano é provisoriamente, / digo provisoriamente, / tudo o que resta da reivindicação revolucionária de um corpo que não é e não foi jamais conforme esse rosto”. *Ibid.* p. 1533.

auriculaires qui répondent aux trous des orbites comme les quatre ouvertures du caveau de la prochaine mort¹¹.

As cavidades se localizam na superfície do rosto e são os lugares de proliferação da morte. Mas a superfície não se opõe a uma suposta profundidade. Ela é o abismo do corpo, “*le gouffre insondable de la face*” (o abismo insondável da face). Formidável máquina de guerra, novo espaço de contestação e de reivindicação de um corpo ainda por nascer, os retratos e autorretratos reativam um dos objetivos principais do seu teatro da crueldade, a saber, *o ato de refazer e de lançar corpos*:

O ato que eu falo visa à total transformação orgânica e física verdadeira do corpo humano. / Por quê? / Porque o teatro não é essa parada cênica onde se desenvolve virtual e simbolicamente um mito, / mas este cadinho de fogo e de verdadeira carne onde / anatomicamente, / pela trituração de ossos, de membros e de sílabas, / os corpos se refundem / e se apresenta fisicamente e ao natural o ato sintético / de fazer um corpo¹².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTAUD, A. **Œuvres, Paris, Quarto**. Gallimard, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2007.
- DERRIDA, J. e THÉVENIN P. **Antonin Artaud: Dessins et portraits**, Paris. Gallimard, 1986.
- DERRIDA, J. **Enlouquecer o Subjétil**. [Tradução Geraldo Gerson de Souza]. São Paulo, Editora da Unesp, 1998.
- DERRIDA, J. **Artaud le Moma**, Paris, Galilée, 2002.
- LAGE, A. **Os sortilégios de Antonin Artaud: a cena do subjétil**, in: Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, ABRACE 2010.
- _____. **Os cadernos de Antonin Artaud: desenho, escritura, teatro**, in: *revista SALA PRETA*, n. 9, Eca-USP 2009, pp. 311-316.
- PREVEL, Jacques. **En compagnie d’Antonin Artaud**. Paris, Flammarion, 1974.
- VIRMAUX, Allain. **Artaud e o Teatro**. “Teatro e Ciência”, São Paulo. Ed. Perspectiva, 2000, p. 321.
- _____. **Antonin Artaud: Qui êtes vous**. Paris: La Manufacture, 1996. p. 18.

Catálogos de exposição:

- Antonin Artaud: Œuvres sur papier**, Marseille, édition de la RMN, 1995.
- Antonin Artaud**: Paris, Bibliothèque Nationale de France/ Gallimard (7 de novembro de 2006 a 4 de fevereiro de 2007).
- Artaud**, Madrid, édition de la Casa Encendida. 2009.

¹¹ “Mas o que quer dizer que a face humana tal como ela é se procura ainda com dois olhos, um nariz, uma boca e as duas cavidades auriculares que correspondem aos buracos das órbitas como as quatro aberturas da cova da próxima morte.”

¹² VIRMAUX, Allain. Artaud e o Teatro. “Teatro e Ciência”, p. 321.